



Arquitetura de uma trajetória: o Templo de Minervina Carolina Corrêa

Architecture of a trajectory: the Minervina Carolina Corrêa Temple

Simone Rassmussen Neutzling¹
Gabriela Brum Rosselli²
Guilherme Pinto de Almeida³

Resumo: Construída entre 1909 e 1912, a Igreja Imaculada Conceição de Jaguarão foi idealizada por Minervina Carolina Corrêa, mulher sobre a qual pairam narrativas dignas de estudos específicos. Para tanto, se faz necessário compreender o contexto político, social, econômico, cultural e religioso desta cidade de fronteira, ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX. A trajetória de Minervina hoje está na memória dos moradores daquela cidade e região graças à linda arquitetura desta edificação que ao ser visitada desperta elogios e curiosidades, visto que, Minervina enfrentou o preconceito, calúnia e difamação após sustentar um processo de divórcio. A Igreja está localizada na esquina das ruas General Osório e Coronel Deus Dias, estas ruas fazem parte do segundo loteamento traçado entre 1846-1940.

Palavras-chave: Minervina Carolina Corrêa; Igreja Imaculada Conceição; Jaguarão.

Abstract: Built between 1909 and 1912, the Immaculate Conception Church of Jaguarão was designed by Minervina Carolina Corrêa, a woman on whom hovering narratives worthy of specific study. Therefore, it is necessary to understand the political, social, economic, cultural and religious context of this border city, at the end of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century. Minervina's trajectory today is in the memory of the residents of that city and region thanks to the beautiful architecture of this building which, when visited, arouses praise and curiosity, since Minervina faced prejudice, slander and defamation after sustaining a divorce process. The Church is located on the corner of General Osorio and Colonel Deus Dias Streets, these streets are part of the second subdivision between 1846-1940.

Keywords: Minervina Carolina Corrêa; Igreja Imaculada Conceição; Jaguarão.

A cidade de Jaguarão

Jaguarão se desenvolveu em território de recorrentes disputas entre portugueses e espanhóis. Município fronteiro entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai. O traço original do

¹ Possui Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (2016), Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela mesma Universidade (1998) e Curso Técnico-profissionalizante em Edificações pela Escola Técnica Federal de Pelotas (1991). Tem experiência nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, atuando com escritório próprio nas áreas de arquitetura, patrimônio cultural e paisagem urbana desde 2001. Atualmente está cursando Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas.

² Possui Mestrado em História pela Universidade Federal de Pelotas (2018), Graduação em Bacharelado (2015) e Licenciatura (2014) em História pela mesma Universidade.

³ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2016). Atualmente está cursando Mestrado no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

processo histórico do Rio Grande do Sul pode ser definido pelas características de uma fronteira em guerra e diversificação social. No século XVIII os territórios ocupados pelo Estado do Rio Grande do Sul e pelo Uruguai eram solo sem domínios entre as regiões ocupadas pelas colônias de Portugal e Espanha. Foi um longo período de lutas, tratados feitos e desfeitos pelas Metrôpoles em torno da posse destes territórios até a sua configuração atual. Jaguarão é um dos resultados deste processo. Situada à margem esquerda do Rio Jaguarão, ao sul da Província de São Pedro, teve início como posto avançado da ocupação portuguesa em 1802, foi sede da guarda militar e base de operações comandadas pelo português Manuel Marques de Souza.

A guarda, situada na “Serrito”, como chamavam a cidade, fazia fronteira com o Uruguai, tendo como limite o Rio Jaguarão. A povoação propriamente dita tomou impulso com a deflagração das lutas pela independência uruguaia em 1811, quando recebeu muitos refugiados, e depois com a intervenção luso-brasileira do Exército Pacificador de D. Diogo de Souza. Em 1820, quando da incorporação da Província Cisplatina ao Reino Unido de Portugal e Algarves, houve um grande intercâmbio entre as duas províncias, que ficaram então sem limites de fronteira. O resultado trouxe benefícios econômicos e sociais para Jaguarão. Sergio da Costa Franco conta que, em 1822, ano da Independência do Brasil, o então Sargento-Mor Bento Gonçalves da Silva, homem de prestígio na comunidade jaguareense, requereu para si nada menos que toda a área do desembarque, pedido negado depois de muitos trâmites burocráticos. A Revolução Farroupilha (1835 a 1845) também teve em Jaguarão alguma repercussão em vista do fato de Bento Gonçalves ser à época Comandante do 4º Corpo de Cavalaria que tinha sede no referido Município.

Contudo, a chamada “Grande Guerra” do Uruguai que perdurou toda a década de 40 do século XIX — uma luta sem fim entre Oribe e seus adeptos e os de Rivera — teve os seus reflexos em Jaguarão. Ocorre que, em 1851, o Município foi o local de encontro das forças mercenárias contratadas pelo Exército Brasileiro para a guerra contra os ditadores Oribe e Rosas. Ali esteve acampado o 15º Batalhão de Infantaria, constituído de alemães, em uma época em que Jaguarão contava com aproximadamente cinco mil habitantes. Assim os acontecimentos foram passando pela “Guarda do Serrito”, como era chamado o Município em 1802, tendo-se emancipado em 1832 e, finalmente, promovido à condição de cidade em 1855, por lei provincial. A partir da segunda metade do século XIX e do início do século XX que Jaguarão atinge o seu apogeu econômico com a indústria do charque e com a criação de gado. Foi nesta época do apogeu do Município que Minervina construiu a sua Igreja. Minervina conhecia bem as calúnias levantadas contra ela fomentadas principalmente pelos adversários

políticos de sua família que, afinal, fazia parte da elite daquela pequena comunidade, quando a República era recente e os ardores do Partido Republicano de Jaguarão já fizeram rivalidades.

Em 1898 foi aprovado um novo código de Posturas Municipais. O capítulo dois tratava das edificações, determinando regularidades, aforamentos, alinhamentos, além de dar diretrizes quanto a largura de ruas e seu “embelezamento”. Miranda (2002, p.256) observou que estas determinações ajudaram a cidade a desenvolver uma nova estética, representativa de investimentos urbanos, através da preocupação com a beleza de ruas e edificações. Afirmou ainda que estas mudanças estavam de acordo com o projeto positivista-republicano do país, que visava deixar as cidades ordenadas e higienizadas. Santos (2007, p.169-170) destacou a troca da ornamentação, onde as louças importadas exibindo temas imperiais que enfeitavam as fachadas foram substituídas por figuras de argamassa de fabricação local com temas republicanos. É dessa época o aparecimento do barrete (chapéu que simbolizou a Revolução Francesa) e de correntes rompidas (que falam de liberdade).

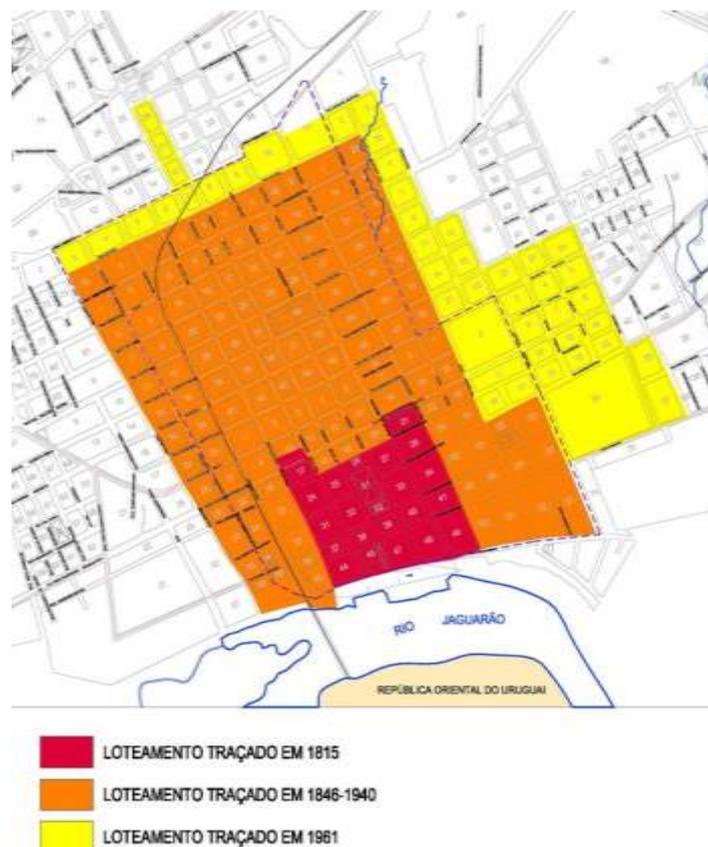


Figura 01: Mapa do traçado urbano. Fonte: (NEUTZLING, 2009).

O Porto de Jaguarão tinha importância crucial para o comércio. Por aquele, escoavam mercadorias vindas de Rio Grande que o comércio local distribuía para a

campanha; ainda, as incipientes charqueadas enviavam a sua produção ao litoral. Na condição de porto fluvial, parte significativa da povoação era flutuante, formada de diversas procedências. Acrescente-se o fato da vizinhança tão próxima com o Uruguai, pois bastava atravessar o Rio. O resultado desta proximidade desenvolveu não só laços comerciais, sociais e parentais como também refletiu na linguagem, nos hábitos dos moradores de Jaguarão, a exemplo das demais povoações de posição fronteiriça. Talvez a perspectiva de prosperidade daquele Porto tão estratégico explique o fato de que, no início do século XIX, tenham sido requeridos tantos terrenos para levantar moradias ou casas de comércio em Jaguarão. Também, deve-se considerar que a Coroa Portuguesa, naquele momento, tinha como política a distribuição de terras para fixar as fronteiras do Império. No começo do século XX, a área urbana estava em desenvolvimento. Em 1900 já havia diversos estabelecimentos comerciais na cidade, como alfaiatarias, farmácias, barbearias, ferragens, hotéis, botequins, lojas de tecido, sapatarias e comércio de campanha, além de estabelecimentos manufatureiros como armadores, correarias, curtumes, fábricas de vela e sabão, fábricas de veículos, ferrarias, carpintarias, marcenarias, tamancarias, tipografias e as charqueadas. (MARTINS, 2001, p. 255-257).

Sob o ponto de vista político, Jaguarão não ficava à margem dos acontecimentos nacionais. Durante o Império o poder político no Brasil estruturava-se em torno do coronelismo e Jaguarão tinha as suas lideranças oriundas da elite local. Nos anos que antecederam à República, o poder estava concentrado no Partido Liberal que controlava a Política no Rio Grande do Sul. Eram os coronéis da região da Campanha, normalmente proprietários de grandes extensões de terra que detinham nas mãos o controle da Província. Jaguarão contava com representantes bem atuantes do Partido Liberal, como era o caso do Dr. José Francisco Diana⁴ que ensinou as primeiras letras a Carlos Barbosa Gonçalves, depois grande líder republicano local.

De acordo com Franco (2014, p.54), em 1874, o Município de Jaguarão desfrutava de quatro representantes na Casa Legislativa: Silvestre Vieira, Menandro Fontes, Henrique D'Ávila e José Francisco Diana, o que por si só demonstra a importância econômica e política da região. Naquele momento, todos eles, inclusive Diana, desenvolviam esforços no sentido de obter a pronta desobstrução do logradouro da Lagoa Mirim. A navegação através da

⁴ Cunhado de Minervina, casado com sua irmã Amélia. "O Doutor Diana nasceu em Jaguarão em 1841, formando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1868. Foi promotor público em Jaguarão, Deputado Provincial do Rio Grande do Sul por três legislaturas: 1874, 1878-1881, 1881-1884 e 1885, décima nona legislatura que foi dissolvida em setembro do mesmo ano, conforme Decreto 9.500, de 23 de setembro de 1885." Frequentava a Corte, vindo mais tarde a ser o último Ministro das Relações Exteriores do Império. (FRANCO, 2004, p.54).

Lagoa era fundamental para o transporte de mercadorias que abasteciam não apenas o comércio de Jaguarão como também das localidades vizinhas, pois, através dos cargueiros, é que chegavam as mercadorias que alimentavam o comércio e que se processava o escoamento da produção daquela região. O cenário que viveu de Minervina foi o da passagem do regime monárquico para o republicano. Esta conhecia as peculiaridades da Política de sua terra natal, afinal, morava na casa de seu cunhado José Francisco Diana, Conselheiro do Império e, com a família deste, frequentava a Corte e lá tinha suas relações sociais, conforme relata a sua sobrinha-bisneta Maria Gisela de Leão Pereira⁵.

Minervina Carolina Corrêa

Minervina Carolina Corrêa nasceu em 7 de fevereiro de 1861 e faleceu em 6 de fevereiro de 1954, filha de Faustino João Corrêa e Maria Carolina Corrêa era a quarta entre sete irmãos – Amélia, Maria Joaquina, Maria Conceição, Adelaide, José e João. Embora Minervina seja até hoje lembrada e narrada dentro da história de Jaguarão, não se tem notícias de escritos, cartas, diários ou outros documentos que possam colaborar para contar a sua história⁶. Minervina “deixou” seu espólio através do Templo que tanto lutou para construir. Numerosas nuances são hoje abordadas por historiadores sobre a biografia, a palavra “deixou” encontra-se aqui entre aspas, pois pretende-se ressaltar um destes problemas usados para a construção do trabalho. Pierre Bourdieu, em seu artigo intitulado “ilusão biográfica”, mostra que se o autor admitir a vida como uma exposição de eventos lineares isso causa uma ilusão. Segundo ele:

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma Vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma experiência individual concebida como uma história e o relato dessa história. É exatamente o que diz o senso comum, isto é, uma linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira [...].
(BOURDIEU, 2006, p. 183).

Logo, se destaca a necessidade de estudar o contexto do ambiente social urbano no qual o biografado se introduz ou vivencia dentro da sociedade, em sua época e também perceber como a própria Minervina cria esta ilusão através da construção de sua igreja.

⁵ Em entrevista concedida à LEMIESZEK (2010) para a sua monografia.

⁶ O que se pode encontrar de documentação sobre a história de Minervina é seu processo de divórcio: Processo 277, 1883, arquivado na Cúria Metropolitana de Porto Alegre, o qual foi acessado pela autora Martha de Leão Lemieszek em 2010. No entanto o processo não está completo, não revelando o final do acontecimento. O processo que se encontra lá é um sumário contendo um libelo de vinte artigos no qual Minervina Corrêa propõe a ação de divórcio contra o marido Custódio Vieira de Castro.

Benito Schmidt aborda que é necessário buscar as singularidades, expostas com variações teóricas e metodológicas, reconsiderando o indivíduo com a coletividade. Há a necessidade de repensar o indivíduo supondo suas escolhas e rumos mostrando que sua vida não estava pré-determinada e eliminando alguns termos repudiados por Pierre Bourdieu, como a expressão “desde pequeno” (BOURDIEU, 2006, p.180).

É um movimento internacional e perceptível em diversas correntes recentes, tais como a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e também a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares. (SCHMIDT, 1997, p. 05).

Também existem as narrativas através de depoimentos de quem a conheceu ou de quem dela ouviu falar. O que está mais evidenciado na memória da cidade sobre a história de Minervina é o episódio do casamento e divórcio em sua juventude e a construção da igreja. As lembranças decorrentes direcionam-se para sua fé e devoção, para as constantes viagens que fazia ao exterior e seus encontros com o Papa, destacando-se a comenda que recebeu do Papa Pio XII, *Ecclesia et Pontifice*. Entretanto, a Igreja Imaculada Conceição alimentou o imaginário da comunidade local e arredores que comentavam e narravam em busca de uma justificativa para a construção de tão imponente templo.



Figura 02 - Minervina Carolina Corrêa. Fonte: Imagem localizada em sua cripta na Igreja Imaculada Conceição.

Sua família era proprietária de amplas extensões de terras, seu pai Faustino João era filho do tenente açoriano Faustino Corrêa, o qual veio para o Brasil no final do século XVIII e participou de diversas lutas de fronteira da época, desta forma recebeu de D. João VI, em 1816, extensas quantidades de terras. O pai de Minervina também era sobrinho do Comendador Domingos Faustino Corrêa, conhecido pela misteriosa herança que deixou, testamento que se estende até a quarta geração da família perdurando o processo até meados década de 1980. Contudo é visto que a família de Minervina tinha importante projeção social. Quando adolescente esta foi levada a viver na casa de sua irmã mais velha Amélia⁷, casada com José Francisco Diana, cabendo a este último exercer a tutela. Em 1883, Minervina casou-se com o médico Custódio Vieira de Castro. O casamento se manteve por pouquíssimo tempo, isto porque segundo o noivo, Minervina teria confessado na noite de núpcias estar grávida de dois meses sem revelar quem seria o pai da criança. Custódio argumentava que o pai da criança era José Francisco Diana, o cunhado de Minervina. Este episódio repercutiu não apenas na cidade de Jaguarão como também se espalhou pela região e nas cidades de Rio Grande e Pelotas.

Os acontecimentos na vida de Minervina, narrados através de relatos e depoimentos, mostram sua trajetória de diversas formas em busca de uma resposta ou justificativa para tê-la construído a igreja. Alguns romanceiam o fato, dizendo que Minervina teria erguido um exuberante templo para demonstrar através da alta torre o amor pelo marido que a abandonou. Outros relatam uma verdadeira tragédia quando dizem que Minervina tivera uma filho com um peão da estância de seu pai e que este, tendo ficado furioso matara o peão. Outra possibilidade é de seu filho ser Chiquinho, o qual sua irmã Amélia teria criado como filho e para não manchar a honra da família, Amélia, Minervina e Diana – pai do menino – teriam viajado durante toda a gravidez para a Europa. O imaginário em torno da história de Minervina se fez cruel e amplo, o tempo se encarregou de estilhaçar sua memória dando lugar à versões fantasiosas e contraditórias sobre os fatos ocorridos em sua vida. (LEMIESZEK, 2010). No entanto, o imaginário em torno da vida de Minervina será sempre realimentado pela existência da igreja, pelos fatos não explicados de sua existência, pelo inusitado fim de seu casamento. Sobre o imaginário em torno da vida das mulheres na história Michelle Perrot observa:

⁷ Amélia e seu esposo tinham um filho chamado de Chiquinho, “refere-se desde já, que Minervina era afetiva ao extremo com todos os que fossem da família de Diana e, em especial com Chiquinho, atenção que não passava despercebida do resto dos sobrinhos e de quem, sem nada mencionar, suspeitavam ser o filho da relação que hipoteticamente Minervina tivera com José Francisco Diana.” (LEMIESZEK, 2010, p.10).

As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam, como fizeram nestas circunstâncias. (PERROT, 2005, p. 11)

Único documento que se tem arquivado sobre Minervina, desta vez direcionado a construção de sua igreja, é uma cópia heliográfica de um antigo cartão postal que esta arquivado na secretaria da paróquia. Este postal datado no ano de 1904 está endereçado a sua afilhada Maria Faustina Corrêa e através de sua análise podemos observar que Minervina já demonstrava interesse em construir uma capela de características arquitetônicas distintas:

Querida Faustina [...] Neste momento não poderei deixar de lembrar-me d'ahi, pois se aproxima o dia 8, aniversário da colocação da pedra da capela que por mim tão desejada em levantar a Maria Santíssima para maior honra e glória a Jesus Cristo/ para mim será um sonho o dia em que pudermos vê-la como a presente [*como a Igreja de São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ*]. Rezai para que os anjos ajudem a levantar as paredes e que Deus a conclua a Capela. Sua madrinha que vos abençoa. [grifo do nosso] (CORRÊA, Minervina Carolina, 26 nov. 1904).

O referido postal traz a imagem da Igreja de São Cristóvão⁸, na capital Rio de Janeiro. Contudo, não se tem informações precisas sobre o ano e o autor da obra. Quanto a Igreja Imaculada Conceição a bibliografia diverge com referência à data de construção, no entanto todas confirmam que as obras iniciaram no ano de 1909 tendo terminado entre 1912 e 1914. Com relação à autoria, aparece o nome de Joaquim Lino de Souza como construtor – o que será melhor abordada na parte a qual apresentamos a Igreja. Podemos observar através das imagens abaixo a semelhança nos detalhes entre os dois templos, como por exemplo a similaridade na simetria e na volumetria, tendo uma torre única e centralizada, além de as duas apresentarem este elemento forte que é a rosácea. Contudo, podemos observar que a singularidade na trajetória de Minervina colaborou para esta ter ainda hoje sua história contada e especulada por muitos na cidade, também porque ela veio a colaborar, com valores simbólicos e ajudas constantes com a manutenção da fé em diversos templos, um exemplo é a Catedral Metropolitana de Pelotas, a qual, de acordo com o escritor Eduardo de Souza, ela doou parte dos mármores utilizados no altar. Fato é que a construção da Igreja Imaculada Conceição ocorreu em um tempo de opulência, de apogeu econômico e de mudanças arquitetônicas na cidade de Jaguarão. Em contrapartida, não se pode esquecer que a história de Minervina aguçava a curiosidade de muitos.

⁸ A Igreja Matriz São Cristóvão esta localizada na Praça Padre Séve, 10 – Rio de Janeiro. É um bem protegido pela APAC de São Cristóvão. Foi construída pelos jesuítas, a Capela dedicada a São Cristóvão localizava-se a beira-mar. Não se pode precisar a idade exata da edificação original, mas pelos documentos do arquivo da Igreja sabe-se que antes de 1627 ela já existia, e era denominada Igrejinha. Foi elevada à Matriz em 1865. (LIMA; REGO, 2016, p.10).



Figuras 03 - 04 - Na primeira postal assinado por Minervina, enviado à sua afilhada Maria Faustina Corrêa em 1904. Na segunda a Igreja Imaculada Conceição. Fonte: Acervo Paroquial Igreja Imaculada Conceição e Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Há ainda a possibilidade de que Minervina teria construído sua igreja, pois, após ser rejeitada pelo marido teria sido proibida de entrar na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo - primeiro santuário da cidade. Observando a notável construção mandada fazer por Minervina, considera-se que o caminho mais relevante para analisar a sua história apoiar-se-ia em uma abordagem de caráter biográfico. Utiliza-se o termo trajetória neste trabalho, pois, as fontes possibilitam que se explore a vida religiosa do indivíduo e segundo Alexandre Karsburg (2015, p.33) a trajetória “não tem por obrigatoriedade abordar toda a vida do sujeito; antes, procura centrar as análises num período determinado”. Atualmente as biografias conquistaram um papel representativo em grandes editoras e nas prateleiras de bibliotecas e livrarias, aportado por um público leitor ávido para conhecer detalhes da vida de um determinado indivíduo. O historiador Benito Schmidt (1997) destaca que houve um retorno do gênero em diferentes correntes históricas – a Nova História francesa, micro-história italiana, marxistas britânicos, a historiografia alemã, entre outras – que se ocuparam, dessa forma, de escrita histórica. Entretanto, apesar de suas diferenças teórico-metodológicas, elas demonstram um interesse no estudo de trajetórias, deixando de lado a biografia tradicional – factual, cronológica e sem análise e aprofundamento – de grandes nomes e expoentes políticos, para biografar indivíduos comuns, mas que proporcionam possibilidades de compreensão de contextos e discussões mais amplas.

A morte de Minervina ocorreu na noite do dia 6 de fevereiro — ela completaria, no dia seguinte, 93 anos. Foi enterrada no cemitério de Jaguarão e depois de um tempo, trouxeram os restos mortais para a Igreja Imaculada Conceição, provavelmente em 1958, data

inscrita na placa que se encontra no local. Na parede desta sala há uma foto de Minervina e uma placa de bronze com a seguinte inscrição:

Aqui repousam, na paz do Senhor, os restos mortais de Minervina Carolina Corrêa, nascida a 7 de fevereiro de 1861 e falecida a 6 de fevereiro de 1954. Sua fiel devoção à imaculada Conceição fez erigir e consagrar esta linda igreja, sagrado patrimônio de Jaguarão — cidade heróica. Seus méritos foram assinalados por honrada condecoração pontifícia e seus beneficiados rogam a Deus pela paz de sua bela alma. Jaguarão, 7 de fevereiro de 1958.

Acima da placa, além da fotografia, há a comenda que lhe foi conferida pelo Vaticano. Sobre esta comenda não há informações.

Contudo, podemos observar que a singularidade na trajetória de Minervina colaborou para esta ter ainda hoje sua história contada e especulada por muitos na cidade, também porque ela veio a colaborar, com valores simbólicos e ajudas constantes, com a manutenção da fé em diversos templos, um exemplo é a Catedral Metropolitana de Pelotas, a qual ela doou parte dos mármorees utilizados no altar. Possivelmente por se sentir culpada, como forma de se redimir e condição de que a cidade esquecesse seu passado, ela colaborou com diversas outras instituições na cidade, abaixo fotografia que o clube de futebol da cidade prestou pela construção do estádio custeado por Minervina.

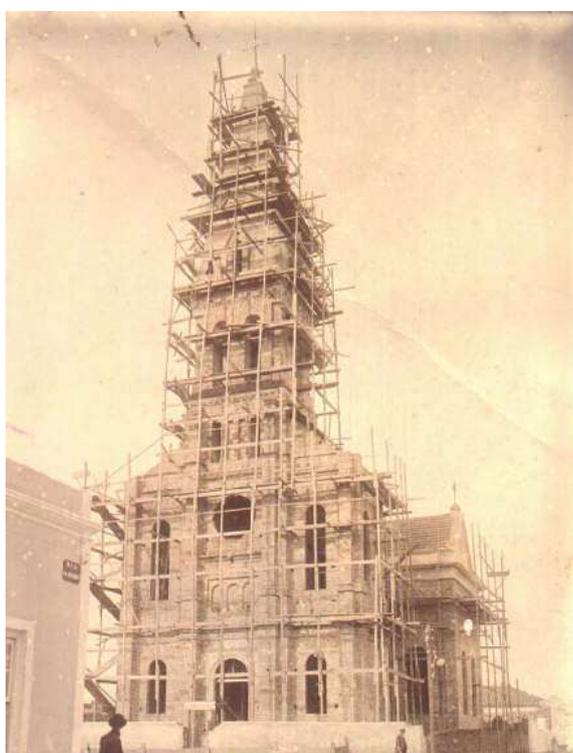


Figura 05 - Fotografia do Estádio Jaguarão Esporte Clube que leva o nome de Minervina Corrêa. Inaugurado em 1951. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Igreja Imaculada Conceição: o Templo de Minervina

Como visto no conteúdo do postal enviado por Minervina, a colocação da pedra da capela aconteceu em 8 de dezembro de 1903, mesmo dia da Padroeira Nossa Senhora da

Imaculada Conceição. No entanto, foi em 1909 que se deu início as obras, realizadas pelo construtor Joaquim Lino de Souza. Este foi um profissional considerado “renomado” em Jaguarão, e pertencente a um grupo de “arquitetos visionários” atuantes na região sul do Brasil, explorando o ecletismo entre o final do século XIX e o início do XX. (ENSSLIN, 2005, p.17). Além da Igreja Imaculada Conceição, é digno de nota o Teatro Independência, na cidade de Santa Vitória do Palmar – obra que foi concluída por seu filho também construtor Adolfo Lino de Souza por razão da morte de seu pai. Minervina conseguiu realizar o que fora a luta de quase uma vida inteira. Foi em 25 de março de 1909, quando ali fora realizada uma missa campal marcando o início das obras.



Figuras 06 – Imagem da etapa final da construção da Igreja no início da déc.1910. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Conforme entrevista realizada por Lemieszek (2010) com a sobrinha-bisneta de Minervina, chamada Isabel Corrêa Marques, esta se recorda da primeira festa da nova Paróquia da Imaculada Conceição de Jaguarão, a qual foi realizada no dia 8 de dezembro de 1953. Onde as meninas vestidas de anjinhos e uma delas, subindo os degraus do altar, depositou uma coroa de flores sobre a cabeça da imagem de Nossa Senhora. A Capela virou Paróquia e o desejo de Minervina fora realizado, em negociações com a Cúria, em troca da doação da Igreja fora autorizada a repousar não sob o altar, como era seu desejo, mas, na lateral da Igreja.

De acordo com matéria publicada no jornal *Correio do Povo*, em 19 de setembro de 1982, sob o título *Numa história de amor nasceu a pequena capela da Minervina*, o Frei Gilseu Santos, então responsável pela Igreja, revela: “quando a capela foi concluída, houve uma grande festa. Depois ela mandava rezar uma missa por ano, onde só participavam parentes e convidados especiais. Frequentar as missas da capela era um ponto alto em Jaguarão”. A Capela ficou fechada por alguns períodos devido à dificuldade de encontrar padres para celebrar as missas. Frei Gilseu ainda complementa que a construção da Igreja custou uma fortuna. O altar-mor é todo revestido de mármore e a imagem principal foi confeccionada em Madri, sendo que as medidas da imagem correspondem às da própria Minervina em sua adolescência, conforme visto na imagem abaixo, a santa é bastante diferente das já vistas, pois, Minervina mandou fazer conforme seus traços quando moça. Esta informação também foi prestada por todas as sobrinhas bisnetas em seus depoimentos para o trabalho de Lemieszek. Há também dois pequenos altares laterais, sendo o da esquerda dedicado à mãe de Minervina, e o da direita ao pai. Outro rumor na cidade é de que Minervina quisera que seus restos mortais fossem colocado no altar do centro e de que a imagem da santa fosse sua própria imagem para que a cidade que tanto a julgou então se ajoelhasse aos seus pés.



Figura 07: Altar-mor da Igreja Imaculada Conceição. Fonte: Perene Patrimônio Cultural.

A doação da Igreja, segundo o Frei, ocorreu em clima de grande festa, no dia 07 de fevereiro de 1942, data do aniversário de Minervina. A reportagem reproduz os termos do convite, feito para a solenidade de entrega que se encontrava entre os documentos da Igreja:

No dia 7 de fevereiro realizar-se-á tocante cerimônia da entrega à Mitra de Pelotas, na pessoa do Exmo. Mons. Silvano de Souza, DD. Vigário Capitular da Diocese, da Igreja N. S. da Conceição por mim mandada construir na cidade de Jaguarão. Convido para assistirem a tão solene acto, as DD. autoridades civis e militares, associações católicas e o povo em geral desta cidade e da vizinha cidade de Rio Branco. Jaguarão, 12 de janeiro de 1942.

Frei Gilseu — que à época da entrevista procurava levantar a História da Igreja para que a comunidade a conhecesse — ainda afirmou que, quando Minervina não tinha mais condições de cuidar da Igreja, resolveu doá-la para a Mitra Diocesana de Pelotas. Entretanto, até a sua morte, ela continuou morando na casa ao lado que ostenta até hoje uma placa de bronze anunciando “Palacete Dona Minervina”, atual casa paroquial.

A fachada principal apresenta simetria bilateral e tem composição tripartite, segmentada em corpo, base e coroamento. Está decorada com moderação. Entre rendilhados e outros ornatos, destacando uma rosácea, situada entre o acesso principal e o início da torre de forma centralizada. Imediatamente sobre a porta principal, um escudo com o monograma da Virgem Maria.

A Igreja Imaculada Conceição de Jaguarão é um templo católico com planta tradicional em forma de cruz latina⁹, contendo nártex¹⁰, nave principal, transepto, presbitério, capela-mor, sacristia, consistório, abside, coro e torre sineira. Sua implantação acontece de forma recuada lateral e frontalmente ao lote, assentado em terreno plano. O centro histórico e, em específico o segundo loteamento de Jaguarão, na qual situa-se a Igreja, são parte de uma planície junto ao rio Jaguarão onde encontrou lugar a cidade.

Sua volumetria é marcada pela única torre, centralizada na fachada principal, voltada para a rua Gal Osorio, e que constitui marco visual da cidade, cuja paisagem urbana mantém a horizontalidade promovida pela predominância de edifícios de poucos pavimentos. Esta longilínea torre reforça também o acesso principal da edificação. O restante do corpo reflete a planta, seguindo-se o volume intermediário, recuado, resultante da nave, o volume do

⁹ A cruz latina ou cruz cristã é a forma mais tradicional de cruz na representação ocidental. Apresenta o eixo vertical notadamente mais alongado do que o eixo transversal, horizontal.

¹⁰ Nártex ou Galilé. Espaço interior acessado pela porta principal e que antecede a nave principal da igreja.

transepto, saliente lateralmente, e culminando na porção posterior, arredondada pela abside semicircular.

Internamente, apresenta riqueza de escultura e a pintura, enquanto artes integradas à arquitetura. As paredes são revestidas, a meia-altura, com panos de escaiola. Dignos de nota são também os elementos em mármore. Apresenta, nesta pedra, altar-mor (várias tonalidades), dois altares laterais; pia batismal, púlpito (com abaixa-voz, elevado e sustentado por pilar e quatro balaústres, em base circular), e guarda-corpo do altar-mor, todos muito bem executados.

Quanto à estatuária sacra, ora dispõe de imagens de autoria de ateliers do Rio de Janeiro e estrangeiros. Destaca-se a bela imagem principal da virgem Maria, proveniente de um atelier de Madri, Espanha, de nome Landa. O mobiliário, executado em madeira nobre de tom escuro, é trabalho artesão Miguel de Lelis, conhecido marceneiro e escultor de origem italiana (ESSLIN, 2015), profissional bastante ativo na região de Jaguarão e responsável pela talha de diversas das belas e características portas de residências jaguarenses. Os bancos da igreja apresentam decoração na laterais. Destaca-se a cadeira especial de culto de Minervina, com seu monograma. Esta era outra marca que Minervina fez questão de deixar na Igreja, o seu monograma aparece por quase todo o Templo, em gradis, no mármore e bancos de madeira.



Figura 08 - 09 - Exemplos de lugares onde aparecem monogramas de Minervina Corrêa. Fonte: Perene Patrimônio Cultural.

Trata-se de uma construção em estrutura autoportante de alvenaria de tijolos cerâmicos maciços. Utiliza recursos e matérias tradicionais do período e do local em que foi construído (1909-1912). A conclusão da obra coincide com o centenário de fundação da freguesia que deu origem à cidade de Jaguarão.

Não foi possível verificar a autoria do projeto arquitetônico, tampouco se este foi baseado no aproveitamento de alguma planta pronta de outro templo. Em entrevista com o Sr. Eduardo Alvares de Souza, este também menciona que Minervina buscava inspirações em Roma, e uma possível inspiração tenha sido a Igreja Santa Maria sopra Minerva, a qual se localiza na Itália.

Sobre a existência de um filho, fruto de sua relação com Diana, é outra incógnita. O certo é que, coincidência ou não, a Igreja traz representações da maternidade: possuiu a torre circundada por quatro esculturas de pelicanos e avistada de longe, sendo possivelmente o ponto mais alto de Jaguarão. Cabe destacar uma lenda, com origem na Idade Média, que afirma que o pelicano, quando não encontra alimento para sustentar a sua prole, rasga o seu ventre para alimentá-lo com o seu sangue. Esta ave tornou-se símbolo de amor e dedicação aos filhos. É usada como símbolo católico para dedicação materna e para paixão de Cristo, também a padroeira da Igreja é Nossa Senhora da Conceição, mulher Santa ligada à concepção.

Hoje, visto todo seu contexto histórico, a forma e os materiais que fora construído, o Templo de Minervina é considerado um patrimônio histórico e cultural para a cidade e passa por um processo de restauração realizado pela empresa de arquitetura voltada para edificações de cunho patrimonial chamada “Perene Patrimônio Cultural”. É notável que um dos desejos de Minervina se concluiu, no entanto, sua história ainda é contada com ares de mistério. O que se pode afirmar é que Minervina foi uma mulher a frente de seu tempo, que além de entrar com um processo de divórcio em uma época onde os princípios das mulheres eram colocados em segundo plano, resistiu às críticas e humilhações, foi até o Papa e conquistou a façanha de construir uma Igreja valiosa e imponente.



Figuras 10 e 11: Igreja Imaculada Conceição imagem externa e interna. Fontes: Carlos Macedo e Perene Patrimônio Cultural.

O que se passou em sua juventude evidentemente deixou marcas profundas. A acusação por parte do marido de que esperava um filho de seu cunhado, verdadeira ou falsa, teve de ser carregada por toda sua vida, além do repúdio também por parte do marido. Recorrer à Justiça pressupõe uma coragem imensa da jovem Minervina. Não se sabe se foi compelida pela família ou se foi um ato de vontade com base na consciência de seu direito e na esperança de ser ouvida. Alegava em seu Libelo a calúnia e a difamação. Das narrativas feitas pelos depoentes pode-se traçar o perfil de Minervina. Era uma mulher magra, de estatura mediana, discreta ao vestir, formal, piedosa, corajosa e firme nas suas ideias, mas que encontrava nas viagens grande prazer, reunia-se com os parentes e com os amigos e, ainda, promovia festas em datas religiosas. Também dava muita importância à sua data natalícia, que festejava. Sua casa estava sempre repleta de visitas. Prestigiada por sua fortuna e em virtude de inúmeras doações que fizera para comunidade jaguarense, além de atos de caridade, ninguém ousava tecer comentários abertamente sobre a pessoa de Minervina. No entanto, o Templo edificado por Minervina sempre gera curiosidade e suposições sobre sua história.

Referências Bibliográficas

BENTO, Davi Oliveira. *O conjunto patrimonial urbanístico da cidade de Jaguarão: um museu de artes a céu aberto*. IV Encontro Semitur UCS. 2013, p.1-13.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 183-191.

- CASTRO, José Ricardo. Numa história de amor nasceu a pequena capela de Minervina. *Correio do Povo*. 19/09/1982.
- ENSSLIN, Lidiane. *Eclétismo Arquitetônico em Jaguarão: um estudo (1870-1840)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- FRAGA, Hilda Jaqueline; DELFINO, Jesianne Pereira. *Cartografias femininas na cidade de Jaguarão: uma experiência de educação patrimonial*. Série Patrimônio Cultural e Extensão Universitária: IPHAN, 2015.
- FRANCO, Sergio da Costa. *A Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul - crônicas históricas - 1835 a 1889*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2004.
- FRANCO, Sergio da Costa. *Origens de Jaguarão*. Caxias do Sul; Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul; IEL/RS, 1980.
- WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, p. 32-52, 2015.
- LEMIESZEK, Martha de Leão. *O Imaginário em torno de Minervina Carolina Corrêa Jaguarão-RS*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em história), Porto Alegre: PUCRS, 2011.
- MACHADO, Carlos José de Azevedo. *Teatro Esperança de Jaguarão (RS): memória, história e patrimonialização*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas: Pelotas, 2016.
- MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai: a construção da cidade de Jaguarão*. Tese (Mestrado em Arquitetura), Barcelona: Universidade Politècnica da Catalunya, 2001.
- MIRANDA, Wilson Marcelino. *Arquitetura e urbanismo na fronteira Brasil / Uruguai: o espaço comercial construído em Jaguarão /Rio Branco (1800-1840)*. Tese (Doutorado em Integração Regional), Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2002.
- NEUTZLING, Simone R. (coord.). *Inventário para o dossiê de tombamento do centro histórico de Jaguarão*. (Relatório Técnico). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura, 2009.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Eclétismo na Fronteira Meridional do Brasil: 1870-1931*. Tese (Doutorado em Conservação e Restauro). Universidade Federal da Bahia, 2007, pp. 169-170.

SCHMIDT, Benito. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997, p. 3-21.

SCHMIDT, Benito. Biografias históricas: O que há de novo? IN: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). *Leituras do passado*. Campinas: Pontes editors, 2009, p. 73-82.

SOARES, Eduardo Alvares de Souza. *Depoimento*. Entrevistadores: ALMEIDA, Guilherme de; NEUTZLING, Simone; ROSSELLI, Gabriela, Jaguarão-RS, 2018.